



A MODA EM PARIS

(«Cliché» Foto-Félix).

II Série — N.º 533

# Ilustração Portuguesa

Lisboa, 8 de Maio de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
 Editor: JOSÉ JOUËRT CHAVES

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, adm'nis'ração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha:

Trimestre	1\$20 cty
Semestre	2\$40 ..
Ano	4\$80 ..

Numero avulso, 10 centavos



**LIZOS**  
Tafetá  
Crepe  
Charme  
Gabardine  
Eolienn  
Falia  
Cotelé  
Veó  
etc.

**Imprensos**

**Escosez**

**Sedes**

**Riscados**

**Suissa**

directamente da Suissa,  
franco de porte  
a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das  
nossas sedas novidades garantidas soli-  
das para vestidos e blusas: Taleta, Crêpe,  
Charmeuse, Gabardine, Eolienn, Falia,  
Cotele, Veo, etc, Cambraia suissa 120  
cm de largo desde fr. 1.50 o metro.  
Grandissima escolha sobretudo em preto,  
meio luto, assim como em branco e côr.

Esta colleção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova colleção de bordados suissos contendo 70 figurinos  
novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos  
nossos bordados alfamados, assim como os nossos catalogos  
de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar  
com verdadeiro bordado suiso. Blusas e vestidos para sen-  
horas, meninas e crianças, em Cambraia, Veo, Crêpe, Organdit,  
Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90.  
Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser con-  
feccionados facilmente em todos os padrões.

Esta colleção é igualmente enviada franca contra  
remessa d'um sello postal de 5 centavos.



**Schweizer & Co.** Lucerna, E 1  
(Suissa).  
Casa Suissa - Mercadorias Suissas.

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA ROSA D'OURO**  
COLOSAL  
SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES  
LISBOA

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

**DE 10 ESCUDOS A 50 ESCUDOS  
POR SEMANA  
POR UMA HORA DE TRABALHO DIARIO**

Com uma ideia na cabeça e 10  
Escudos em dinheiro para co-  
meçar, fiz 25.000 Escudos em  
dois anos.

Se o vosso emprego vos traz preso sobre  
um jogo de livros de contabilidade, ou  
por detraz d'um balcão, ou agarrad a  
maquina d'escrever, ou guiando um bom  
tiro de cavalos, ou sobre o tramway, ou  
n'uma qualquer officina, ou onde quer que  
seja que o vosso trabalho vos detenha, e  
o vosso mostrar-vos a estrada real, rapida e  
segura de obter mil vezes  
melhor. Demonstrar-  
vos hei por que modo  
iniciar um negocio, ab-  
solutamente vosso, com  
pequeno capital, e só du-  
rante as vossas horas li-  
vres. Podéis de facto  
cooperar comigo no ne-  
gociar por meio de va-  
les do correio (venda de  
generos por correio), e  
correr com o negocio da  
vossa propria morada, e  
como propriedade exclu-  
sivamente e vosssa. Se  
estais fazendo por ano 500  
escudos, ou 1.000 escu-  
dos, ou 1.500 escudos, e  
deveras precisas, fazeis  
em cada ano 2.500 escudos, ou 5.000 escudos  
ou mais, eu posso mostrar-vos como.



Nada importa quem vos seja, ou em  
que vos occupis; nem a minguidade do  
vosso salario, ou a pobreza das vossas ex-  
pectativas; nem tão pouco que estejais ou  
descontente ou desalentado; ou que os vos-  
sos amigos e parentes vos considerem in-  
capaz d' bem succeder—o facto é que po-  
deis de vez, vir a ser socio do maior Pro-  
motor no mundo d' todas as empresas por  
ordens postaes. Poderéis assim, e talvez  
nella vez primeira, começar a ver o di-  
nheiro rodar em torno de vós a cada vi-  
sita d' Correo, sem ralardes corpo e alma  
por cada tostão adquirido. Mel abertamente  
aqui vos offereço a oportunidade, talvez  
unica na vossa existencia, de fazerdes  
uma grande fortuna, sem vos pedir que  
me hipotiqueis a vossa vida, e sem vos  
entralhar em contrato leonino, de feia  
usura, com um escorchador como Shylock.

Eu principio com 10 escudos e recolhi  
um lucro de 2.500 escudos em dois anos,  
no negocio de «ordens pelo correio». Ensi-  
nar-vos-hei muito depressa o verdadeiro  
segredo de ganhar dinheiro rapidamente;  
e de o conseguir limpa, legitima e honesta-  
mente, de modo que podéis encarrar o  
mundo todo na face, sem nunca perguntar  
d'onde vos vieram os vossos mil réis. O  
meu novo livro, que tem por titulo «Opor-  
tunidades de ganhar dinheiro no negocio  
de Ordens pelo Correo», cabalmente ex-  
plica tudo. Esse livro só vos custará o pe-  
diço. Não é preciso remeter dinheiro al-  
gum. Querendo cobrir a verba de portes,  
pode-se enviar selos (mesmo do seu pro-  
prio paiz) do valor de 15 Centavos Por-  
tuguezes. A direcção é: Hugh McKean, Sulte  
5002, n.º 260, Westminster Bridge Road,  
Londres, S.E., Inglaterra.

**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

**Brouillard**



Diz o passado e o presente e  
prediz o futuro, com veracidade  
e rapidez; é incomparavel em va-  
luciosos. Pelo estudo que fez das  
ciencias, quromancias, cronologia  
e fisiologia, e pelas applicações  
praticas—das theorias de Gall, La-  
vater, Desbarolles, Lambrose,  
d'Arpenligney, madame Brouil-  
lard tem percorrido as principaes  
cidades da Europa e America,  
onde foi admirada pelos numero-  
sos clientes da mais alta catego-  
ria, a quem predisse a queda do  
Imperio e todos os acontecimen-  
tos que se lhe seguiram. Fala portuguez,  
francez, inglês, alemão, italia-  
no e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite  
em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Con-  
sultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez,  
francez, inglês, alemão, italia-  
no e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite  
em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Con-  
sultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

**Trabalhos tipograficos em todos os generos**

FAZEM-SE NA S

Ofic. da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

Rua do Seculo, 43

Lisboa

**Henri Manuel**  
PHOTOGRAPHO D'ARTE  
27, Rue du Faubourg Montmartr  
Agencia Internacional de Re-  
portagem  
As mais importantes  
coleções de retratos de altas  
personalidades.

**Hizella**  
O MELHOR SABONETE





### A Irlanda

A velha questão da Irlanda, o «home-rule», a fome, surgem novamente. O irlandez é o mais desgraçado, o mais miserável de todos os europeus; um povo inteiro conhece a fome e sofre da fome como o ultimo dos «cokney's» da Grã-Bretanha. Erin debruada de pinheiros selvagens, verde e cariciosa, é mais uma vez a rubra e sangrenta Erin que se bate com alucinado desespero porque o duque, senhor da terra, lhe leva o que ela ganha cavando e penando sobre a leiva; a Irlanda esmagada reclama com energia o seu di-



reito á vida. Mas é, porventura, simpatico o seu ato, n'este momento? Evidentemente que não. Sintomas separatistas entre os aliados apenas conseguem prolongar a guerra já intoleravel e o esforço da ilha celta sobre ser intempetivo é, sobretudo, uma inutilidade agora que a Inglaterra mobilisada está em armas de extrêmo a extrêmo. Aqui está, pois, uma revolução afogada em sangue, germinando mais odios, reacendendo mais paixões — como se fosse pouco o que vae pela Europa. O mundo seria, realmente, maravilhoso se não existisse a especie humana. São os homens que o estragam. E que dizer d'elles, que no pavor da chacina melhor sentem o desejo de destruir? O que dizia Chavannes: — «Une race abominable, la seule qui à la certitude de la mort et qui tue, pourtant!»

### Exposição de pintura

Inaugurou-se com brilho a 13.ª exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes. A produção é mais reduzida que a do ano passado mas as senhoras concorrem abundantemente com os costumados nadas, sempre galantes, delicados, como compete a pinceis ociosos e distraídos. Não apareceu ainda d'esta vez uma individualidade forte e característica mas vincam mais as qualidades dos moços. O «Cigarro», de José Malhõa, é um primoroso quadro a juntar a tantos outros que dão a mais completa serie de tipos portugue-



zes gerada pelo talento d'um artista da nossa terra. Carlos Reis é sempre o grande pintor do retrato, bem superior a La Gandara, de linhas concisas e justas. Na escultura, Costa Mota com a sua larga e habitual linha expõe a «Maria da Fonte», inspirada na tradição popular, de clavina no hombro e roçadoura na mão. No conjunto ha justeza de tons, poder de sintese, muita côr, muita luz, muita alegria. Começa a aparecer um nucleo de pintores, numeroso, já nacionalisado, produzindo uma Arte propria. A pintura em Portugal é hoje alguma coisa.

### A descoberta do Brazil

N'uma aberta de céu relampejam bruscamente as arestas crispadas da vaga. Duas ou tres naus surgem com lentidão do horisonte de leste, esfumado em tempestade; é o que resta da armada de Pedro Alvares Cabral; mas, na hostilidade misteriosa d'aquelas aguas desconhecidas, o capitão navega ainda para o poente. Espectativa. Recolhimento. Da gavea, o sinaleiro vigia. Calaram nas bocas rudes as canções de Montedôr e de Afife. No castelo de prôa o chefe, rigidamente na sua dalmatica roxa, cofiando a barba crespa, olha atentamente. A esquadra singra devagar pelo Oceano. E de subito, em pleno silencio do espaço, de cima, uma voz vibrante grita: — «Terra!» Alvoroco. Clamor. Curiosidade. Uma linha baixa, amarelada, indecisa — surge envolta em bruma no extrêmo limite dos mares. Pedr'Alvares estende a mão n'um indisivel gesto de orgulho e duas lagrimas sulcam-lhe a face queimada. Era o Brazil. Foi ha tresentos e dezeseis anos.



### Dois livros

Dois belos livros aparecem com as primeiras flôres da primavera: «Inocente», de D. Virginia de Castro e Almeida, «Memorias da Lili», de D. Emilia de Sousa Costa. Estes dois livros tão diferentes tem, todavia, élos comuns de bondade, de ternura e de coração. São bem uma obra de Mulher, enternecida e delicada. Riqueza de expressão em ambos. Sobriedade. Ha nos dois uma excelente prosa rithmica, quente e colorida. E, melhor do que para quaesquer outros n'eles cabe amplamente o conceito de Barrés: — «C'est du cœur imprimé.»



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



# UM DRAMA NA NOITE

HAVIA minutos apenas que Mateus estava no seu posto de observação, em pleno campo de batalha. A noite opaca, silenciosa, profunda, baixara sobre a terra, envolvendo-a de escuridão e de misterio. Não se lobiava nada a dois passos — mas o soldado, com a arma pronta para repelir qualquer ataque inopinado, applicava o ouvido, tentava vislumbrar a distancia forma animada que se movesse no intuito de surpreender os combatentes do sector a que ele pertencia. O seu capitão, ao deixa-lo ali, naquele ponto arriscado, dissera-lhe com a voz tremula e em palavras comovidas:

— Olha que da tua vigilancia dependem não só a tua vida como muitas outras e a honra da Patria!

Mateus considerava, portanto, o serviço que estava prestando não somente como um dever mas como uma distincção. Quanto mais elevadas fossem as responsabilidades, maior seria a sua gloria, se se dessempehasse completamente da alta missão que lhe fora confiada.

— Terei cuidado — afirmava a sentinela com firmeza. Por aqui não entrará o inimigo sem que eu dê aviso.

Durante o dia pelejou-se com tenacidade e furia por aqueles lugubres sitios, formados de barrancos fundos, de cristas de montes, de densos matagaes. Um torrencial diluvio de metralha, caindo incessantemente, incendiara as arvores, calcinara o terreno revolvido, ateára o fogo, fragmentara-se num ciclone de ferro que espalhava a morte e a dor em todas as direcções. Tinham tombado, para sempre, no recontro feroz companheiros seus que ainda de manhã, contentes e descuidados, com elle riram e com elle haviam formado projetos de vida futura, quando acabasse a guerra e os invasores, levados nas pontas das baionetas e nas guelias fumegantes dos canhões, fossem atirados para além das fronteiras. Bastaram, porém, algumas horas alucinadas e terribes de combate para que muitos deles, cumprindo com heroismo e orgulho a sua obrigação de patriotas, soltassem o derradeiro arranco, esburacados pelas balas ou passados pelos sabres ponteagudos e resplandecentes de brilhos brancos á luz diurna. Mas as tropas contrarias foram energicamente rechaçadas nos seus successivos ataques, deixando a leiva fria coberta de mortos em atitudes bizarras, sem conseguirem abrir brecha na muralha espessa formada de artilharia e de carne humana que resistiu sempre com vigor, com impeto, com uma coragem que nunca desfaleceu — e isto enchia de alegria e de entusiasmo a alma de Mateus.

— Se voltarem — monologou ele — terão a mesma espera!

Era precisamente para isso que elle se encontrava naquele ermo, escondido entre penhascos que se erguiam numa elevação donde seria possivel divisar todas as manobras dos invasores, logo que a madrugada raiasse esplendida de claridade.

De quando em quando chegavam aos seus ouvi-



dos atentos, sons confusos, vagos murmúrios de conversas que dir-se-iam partirem de bocas occultas na treva enigmatica. Eram os combatentes das trincheiras que ficavam por detraz da sentinela. Para iludirem o sono, palestravam, contavam velhas historias, revelavam os seus romances amorosos. Este sussurro que lentamente se apagava na obscuridade e na mudez noturna, era uma companhia para o soldado. Não que tivesse medo! Os homens que diariamente e durante muitos mezes

convivem com a morte, terminam por familiarisarse com ella e do seu coração e do seu espirito foge toda a idéa de pavor. No entanto, a certeza de que, nos momentos de perigo, outras criaturas humanas amigas se encontram ao nosso lado ou perto de nós, fortalece o animo, excita a coragem...

Uma forma indecisa ergueu-se de subito na frente de Mateus.

— Quem vem lá? — bradou ele, cruzando a espingarda armada de baioneta.

Era o official da ronda, que trocou com a sentinela a senha combinada e que inquiriu do que se passava.

— Por aqui não ha novidade! Tudo socegado — exclamou Mateus.

De novo o official lhe recomendou solicitude, com uma pontinha de comoção tremendo nas suas palavras dôces, afaveis, que não eram de superior para inferior mas de camarada para camarada. Ao fim de longas semanas de luta, o conflito sangrento estabelecera uma absoluta solidiedade entre todos os que se batiam pela mesma causa sagrada e pelo mesmo ideal puro.

Ao ficar novamente só, Mateus reatou o fio interrompido das suas meditações. Quanto sofrimento, quanta aflicção, quanta miseria, a guerra implacavelmente semeava, como um sinistro semeador, na sua pobre nacionalidade! Cidades bombardeadas, povoados destruidos, searas arrasadas, vinhas carbonizadas, fabricas em ruinas, populações inteiras errando ao acaso, acoçadas pela fome, pela doença, pelo frio! Eram mulheres, velhas, crianças pallidas e lacrimosas, porque os seres energeticos e viris que podiam sustentar uma arma nas mãos, tinham corrido para a linha de fogo! A colera desvairava-o!

Não haveria a Patria de vingar-se de tantos ultrajes e de tantas calamidades, pelo esforço, pela bravura dos seus filhos?...

A brisa trazia-lhe da distancia um cheiro acre de sangue e de polvora queimada. Pela planicie, pelo reconcavo das montanhas, pelas colinas de declive suave, á beira dos bosques, milhares de corpos apodreciam, descobertos, porque nem tempo houvera de enterrar-os, engordar com elles o humus, para que melhor florisse de rosas e vestres e deixasse de relvas na primavera proxima. Depois, era arriscado ir levantar os que abatiam debaixo do docel das granadas que infatigavelmente vinham das trincheiras contrarias. Os cadaveres de



um e de outro exercito jaziam abraçados e quietos na inercia da morte, como inimigos já reconciliados por nada mais quererem da existencia.

As meditações de Mateus foram outra vez sobresaltadas por um ruido estranho. Pareceu-lhe ouvir um rumor de paus secos que se quebrassem.

—Quem vem lá?—gritou.

Ninguém lhe respondeu. Anciosamente mergulhou os olhos inquietos na sombra, espreitando, sem nada distinguir.

—Enganei-me, certamente... Foi talvez alguma pedra que se desgarrou da encosta da serra...

Vagarosos instantes de expectativa decorreram, sem acontecer qualquer coisa extraordinaria.

—Foi ilusão minha!—concluiu Mateus, abaixando a espingarda que tinha em pontaria.

O que seria feito de sua familia?—pensava o soldado, já sereno. Ha quanto tempo a deixára em lagrimas, ao partir para essa guerra cruel mas necessaria que tanto demorava!

—Não te torno mais a vêr, filho!—exclamára sua mãe, num soluço.

—Ha de tornar, ha de tornar!—respondera ele, mascarando a sua tristeza. Porque não?...

Ainda agora, ao fim de tantos mezes, se recorda-

va com infinita melancolia d'esse minuto de angustia, e sentia uma grande piedade pelas outras mães cobertas de luto de quem os filhos haviam desaparecido na frialdade das covas que Mateus abria com os companheiros para dar sepultura aos corpos ceifados pela metralha.

—Coitadas! Coitadas!...

Mas, acima do amor materno não estaria o amor

patrio? E não seria este amor mais desinteressado e mais belo? Juigava sinceramente que sim! Contemplar a patria arrasada pelos furacões de ferro e pelos incendios, as familias dispersas, os lares abandonados, o territorio mutilado, a fortuna devastada, a liberdade, a independencia, comprometidas, era um horror para todos os homens de justo sentir. As mãos crispavam-se-lhe no cano da arma. Um furia inesperada revolvía-o...

Qualquer dia, talvez mais cedo do que supunha, ficaria estendido, com uma bala na cabeça, sobre as hervas molhadas, verme has de sangue. Mas sacrificava-se de boa vontade pela vitoria do seu paiz, pelos seus futuros compatriotas, por uma nacionalidade maior, mais gloriosa e mais forte. A existencia era só uma. Tinha de acabar como tudo acaba n'este mundo. Agora ou logo, que lhe importava? Diante do facto inexoravel da morte, o tempo nada representava. Só quereria vêr mais uma vez sua mãe, que em pranto o estreitára contra o peito mirrado, que tantas vidas novas alimentára... E tambem desejaria dar um derradeiro beijo á noiva, que tantos

contentamentos e tantas esperanças fizera desabrochar, como flôres perturbantes, dentro do seu peito. Ah! essa noiva!... Quantos sonhos de felicidade idea isados com ela, quantas venturas entrevistas e agora tão distantes!...

Um vulto negro surgiu, saltando, detraz das duras penhas, e atraindo-se-lhe á garganta. Era um soldado inimigo que viera de longe, arrastando-se como um verme, o ventre pesado com ra a terra, e que de improviso atacava Mateus, tentando estrangular-o para que ele não dêsse o sinal de alarme. A luta terrivel entre os dois homens, emudecidos, começou na treva. Mateus largou a espingarda para mais dextramente se defender: mas o adversario era valente, tinha uma presa de aço, apertava-lhe as guelras nervosamente, querendo domina-lo. Caíram ambos enlaçados, rolando nas pedras que lhes dilaceraram as carnes e abafando os rugidos. Mateus, lutando para libertar-se, via passarem, escoarem-se na obscuridade, outros vultos, que marchavam, silenciosamente, em direção ás trincheiras guarnecidas pelos seus camaradas, que iam ser acometidos de surpresa, por confiarem na sua guarda. Esta suspeita galvanizou-o, transmitiu-lhe um desesperado poder de resistencia. Apertando o inimigo nos

braços, conseguiu metello debaixo dos joelhos; e, sacando do bolso a sua navalha, feriu ás cegas, rancorosamente, enquanto o outro se debatia e arquejava.

—Morres, morres, e nem o diabo te acode!—exclamava Mateus com os dentes cerrados.

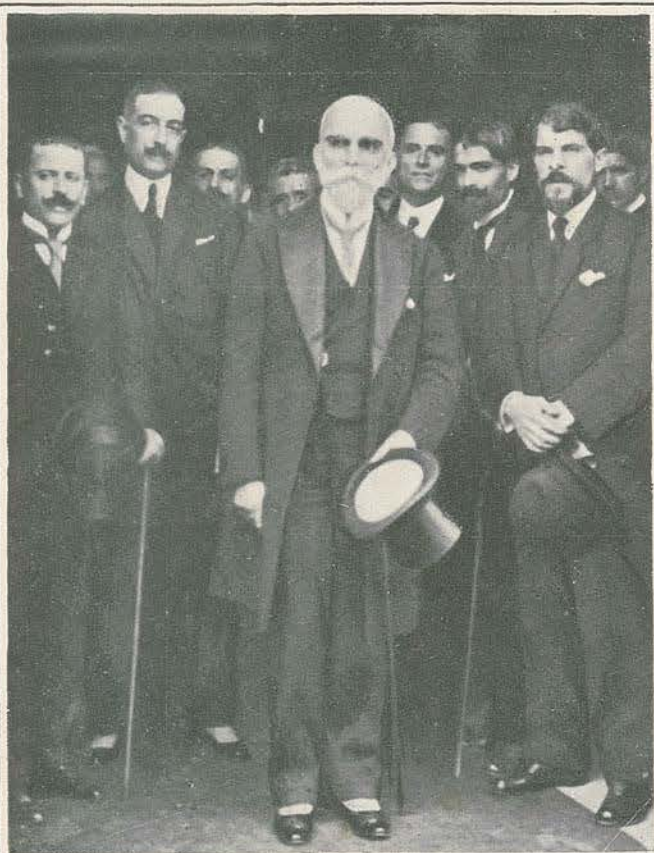
De repente, porém, uma baioneta trespassou-o das costas ao peito com um choque tão violento que

o deitou sobre o adversario inanimado. A dôr que experimentou era fulgurante. Reagiu, para não perder os sentidos, mas as forças abandonavam-no apressadamente. E soldados invasores continuavam desfilando, em grupos, em fileiras, em ondas! Os seus camaradas estavam perdidos! Ergueu-se nos joelhos, tremu o, escorrendo sangue, rastejou para a sua espingarda que estava a alguns passos apenas, tomou-a convulsivamente e, então, satisfeito, cheio de jubilo, desfechou consecutivos tiros, que avisaram os combatentes das trincheiras do assalto iminente... Não pôde mais. Uma vertigem fel-o cair de novo. A vida fugia-lhe aceleradamente. Um ultimo pensamento para a mãe, uma ultima recordação da noiva ausente. As palpebras cerraram-se-lhe: mas ainda viu, nas vibrações da agonia, as tropas adversarias esgueirarem-se na treva, batidas, destroçadas pe'a fuzilaria dos companheiros. Ganhára com um acto de heroismo, o direito ao repouso perpétuo!

JOÃO GRAVE.

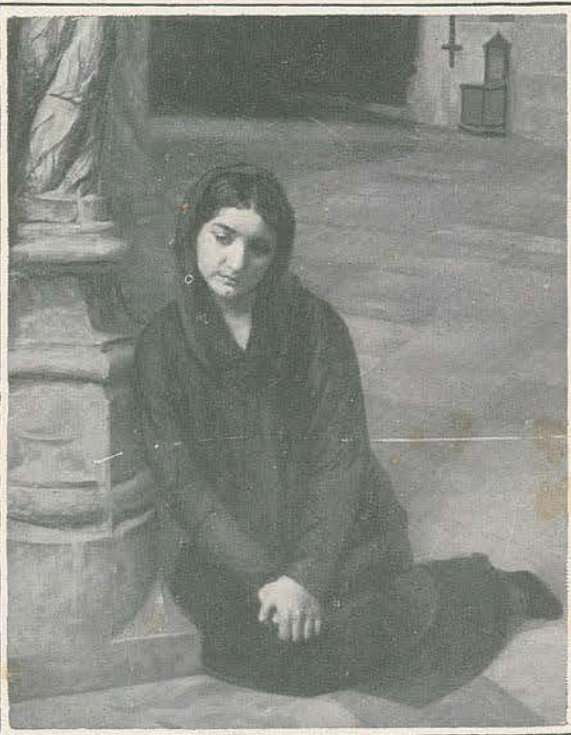






Foi inaugurada pelo sr. presidente da Republica a 13.<sup>a</sup> exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, á qual concorreram os nossos mais distintos pintores e esculptores. O chefe do Estado, acompanhado pelo seu secretario sr. Maia Pinto, pelos directores da Sociedade, os ministros dos estrangeiros e da instrução e os da França, Inglaterra e Russia, o presidente da camara municipal e alguns vereadores, o governador civil de Lisboa, o sr. dr. João de Barros, muitos deputados e senadores e artistas, visitou o artistico certamen, tendo palavras de incitamento tanto para os mestres a quem enalteceu com justiça os seus preciosos trabalhos, como para os novos, que encorajou com o mais ca-

O sr. presidente da Republica saindo do Palacio das Belas Artes  
(Cliché Benollet).





rinhoso afeto, aconselhando-os a que prosigam estudando para se enobrecerem, enobrecendo também as sublimes artes a que se dedicam.

A concorrência á exposição tem sido enorme, sendo todos os visitantes unânimes em registar o exito crescente das exposições da Socie-



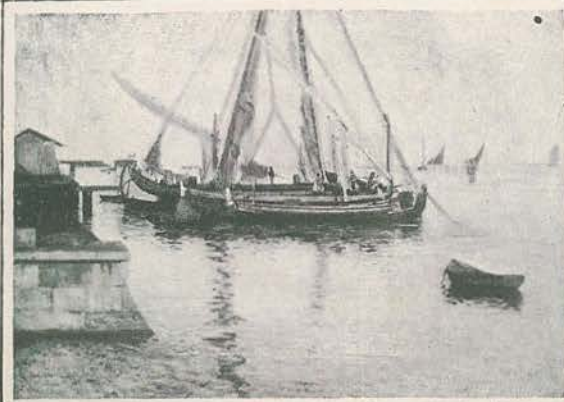
*Um remendo*, quadro do sr. David de Melo



*Um cesto de petargontas*, quadro do sr. Veloso Salgado

dade Nacional de Belas Artes, o que evidencia o impulso notavel que a pintura e a escultura teem adquirido em Portugal nos ultimos anos.

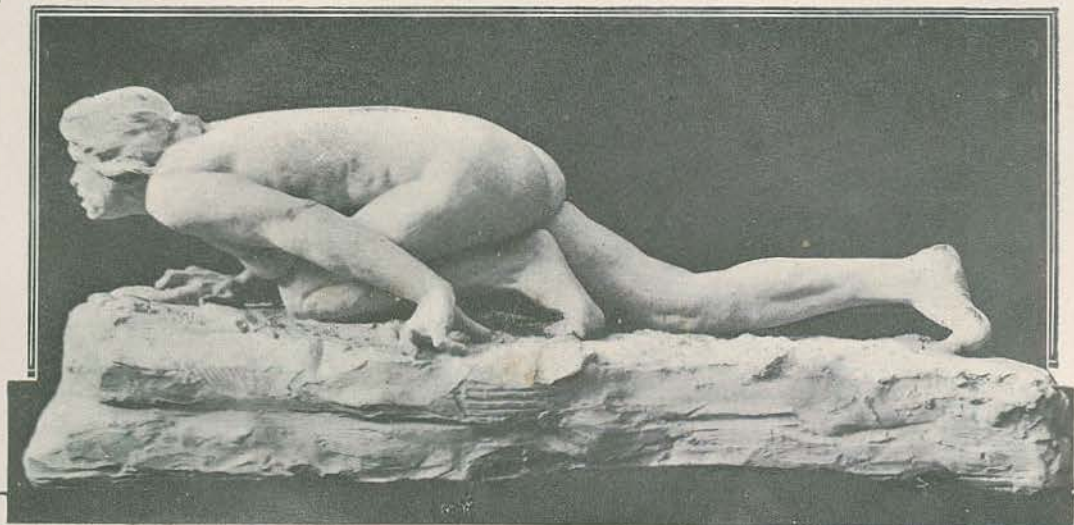
A exposição continua aberta até ao mez de julho, tendo-se efetuado muitas vendas de quadros que ali continuam expostos.



*Barcos de carga*, quadro do sr. João Vaz

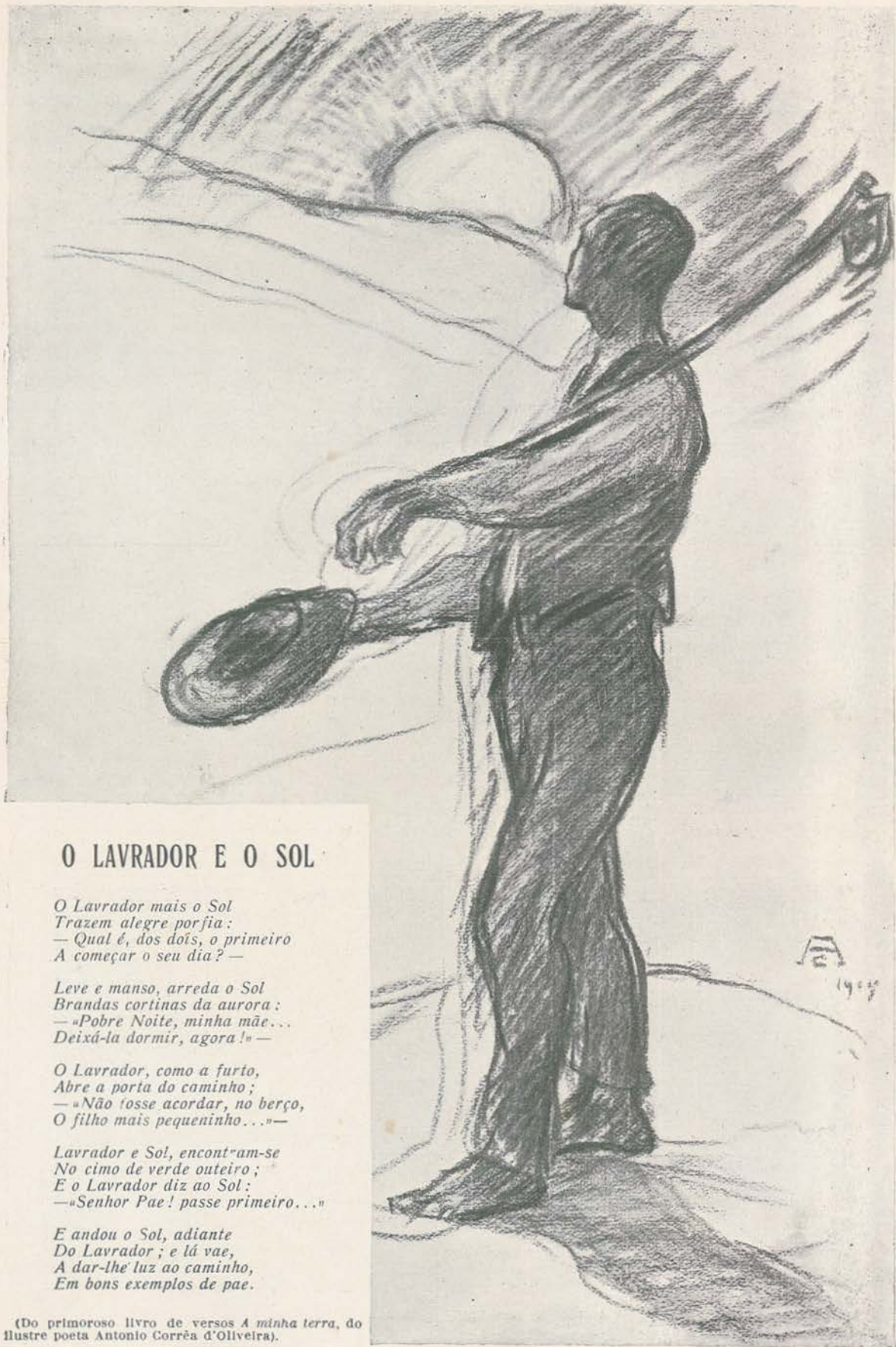


*A doca de Alcantara, de manhã*, quadro do sr. Higinio de Mendonça



*A Calunia*, escultura do sr. Maxmiliano Alves





## O LAVRADOR E O SOL

O Lavrador mais o Sol  
Trazem alegre porfia:  
— Qual é, dos dois, o primeiro  
A começar o seu dia? —

Leve e manso, arreda o Sol  
Brandas cortinas da aurora:  
— «Pobre Noite, minha mãe...  
Deixá-la dormir, agora!» —

O Lavrador, como a furto,  
Abre a porta do caminho;  
— «Não fosse acordar, no berço,  
O filho mais pequeninho...» —

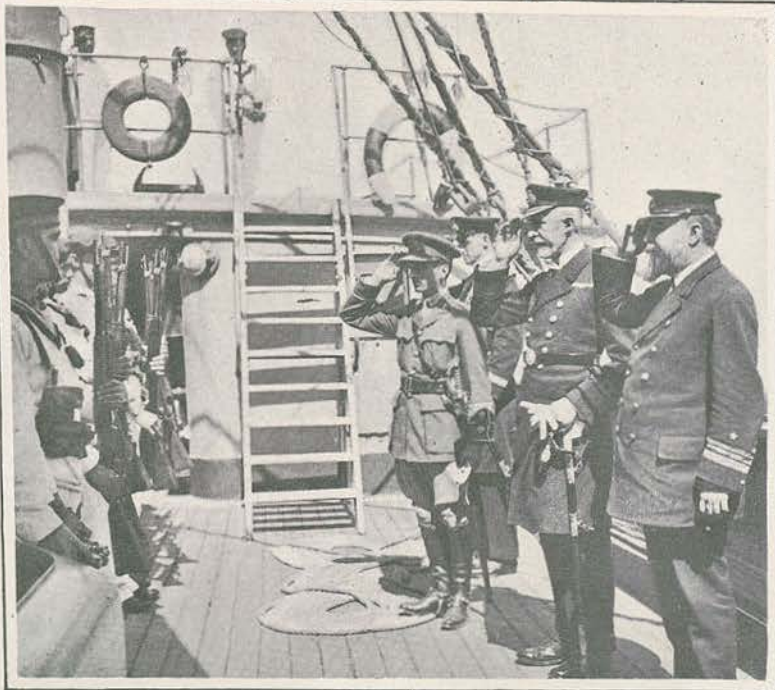
Lavrador e Sol, encont'am-se  
No cimo de verde outeiro;  
E o Lavrador diz ao Sol:  
— «Senhor Pae! passe primeiro...»

E andou o Sol, adiante  
Do Lavrador; e lá vae,  
A dar-lhe luz ao caminho,  
Em bons exemplos de pae.

(Do primoroso livro de versos *A minha terra*, do ilustre poeta Antonio Corrêa d'Oliveira).



# Portugal na Guerra



O chefe da missão naval Inglesa, almirante Willam De Sells, a bordo do *Vasco da Gama*, tendo à sua esquerda o comandante sr. Leote do Rego e à direita o capitão sr. Bleck, fazendo a continencia no momento de tocar o hino nacional.

Continua a aza-fama entusiastica dos nossos preparativos para a guerra. A convocação dos militares licenciados, de harmonia com o decreto de 20 de março ultimo, foi recebida com alvoroço, vindo dissipar as duvidas que muita gente tinha ainda sobre se entravamos na guerra a valer e, por consequente, sobre a mobilização. Hoje não ha espirito, por menos credulo, que duvide ainda de que a guerra para nós não seja um facto. Tanto movimento de officiaes e de soldados de um lado para o outro, tantos exercicios nas paradas e nos campos, tanto trabalho nas officinas e nos arsenaes, toda esta atividade extraordi-



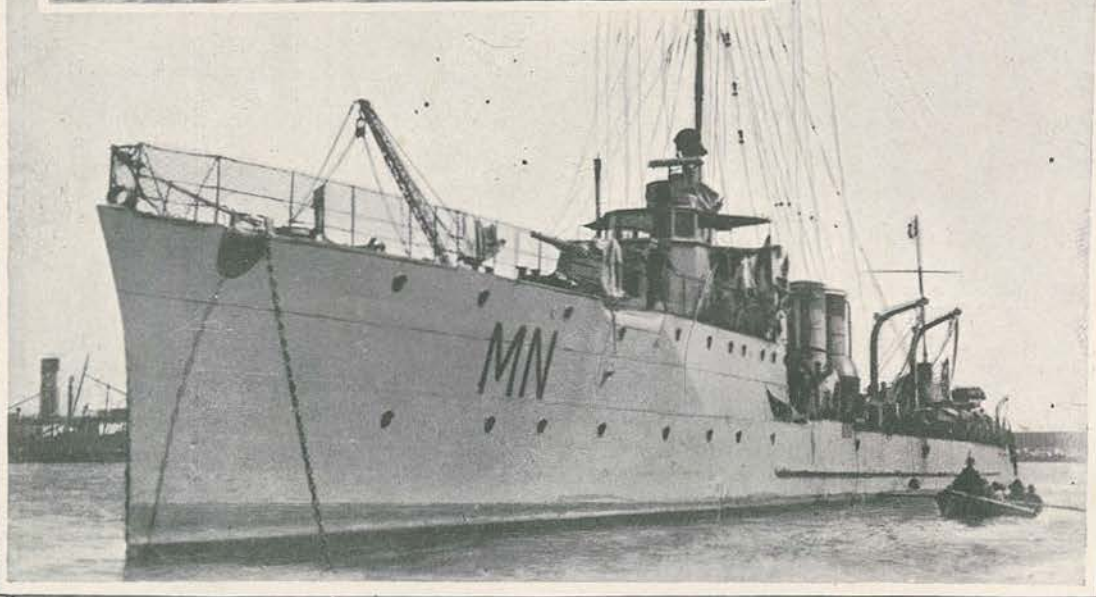
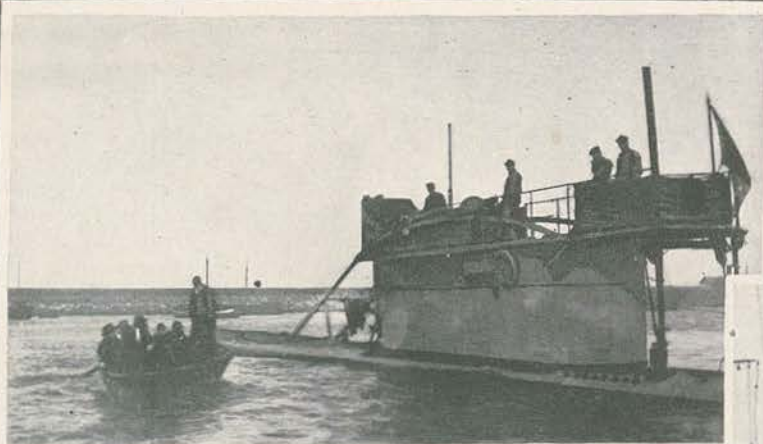
O *Espadarte*, quasi submerso, em exercicios

(Clíchés Benollel).



naria que por ali se nota e imprime hoje á vida do paiz um aspeto febril, é um magnifico sintoma de resurgimento que nos eleva aos proprios olhos e aos dos estrangeiros.

Portugal está-se mostrando um digno aliado da Inglaterra. E' a maior consola-



*Esquadilha franceza em Leixões:—1. O submarino E'meraud.--2. O «destroyer» Magon, navio chefe*



O submarino *Rubis*.—(Clichés do distinto fotografo amator sr. Humberto Beça.





ção e o maior orgulho que podíamos ter na presente conjuntura. E começa aqui a primeira desafronta que tiramos do insulto da Alemanha, deprimindo aos olhos do mundo inteiro a nossa situação como paiz livre e supondo-nos incapazes da menor ação militar apreciavel na solução d'este grande conflito.



1. Artilharia em marcha para os exercicios.—2. Recepção d'um despacho por meio da telegrafia sem fios. — (Clichés Benolle). — 3. Plataforma para uma metralhadora n'um saliente de obra.



# O VELHO MUNDO EM GUERRA

Mais uma vez se desfazem os negrimes ameaçadores que volta e meia se tem erguido entre os Estados Unidos e a Alemanha, por causa do terror que os submarinos continuam a espalhar por todos os mares com os seus ataques traiçoeiros e deshumanos, no proposito de isolar os proprios paizes neutros.

Cançados de usar de benignidade, sempre que a Alemanha tem espesinhado os direitos d'esses paizes, não escapando os dos Estados Unidos, o presidente da grande republica norte-americana enviou-lhe d'esta vez um *ultimatum* em termos que não podiam deixar a menor duvida sobre a sua resolução inabalavel. O governo alemão, como de costume, começou a florear justificações e a reeditar promessas de que nunca mais seria nenhum navio torpedado sem aviso previo. Mas o presidente Wilson insiste e não cede uma linha que seja na exigencia de que os submarinos devem obedecer ás prescrições do direito de visita, afundando apenas os navios que estão incluídos nos casos previstos pelo direito internacional.

Esta attitude firme e elevada produziu um forte abalo em Berlim, mesmo entre aqueles que não se mostravam nada dispostos a apoiar a proposta do chanceler Bethmann Holweg para que se abando-

nasse a guerra submarina, em vista dos odios que essa guerra estava atraindo sobre a Alemanha e do risco consequente que havia dos povos neutros feridos com ela nos seus maiores interesses se irem pondo ao lado dos aliados. O caso afigura-se tão serio que os grandes banqueiros aplaudem essa proposta.



O principe de Gales, promovido a capitão com grande jubilo do exercito Britanico, inspeciona as forças Inglezas expedicionarias ao Egipto  
(The Illustrated London News).

Depois de larga conferencia com o embaixador dos Estados Unidos em Berlim, o chanceler partiu para o grande quartel general a conferenciar com o imperador, assegurando-se que ele emprega todos os seus esforços para conseguir uma solução conciliadora, embora com sacrificio da arrogancia germanica que de certo já se não pôde enganar vendo as coisas definidas como elas se apresentam. Ha de ser difficil, porque o facto é que os alemães punham nos submarinos as suas ultimas esperanças de victoria, obrigando os povos pela fome a entrarem n'um largo movimento a favor da paz.

Mas o poder dos Estados Unidos intimidou-os, sendo a maioria dos centros politicos e militares, bem como dos jornaes alemães, de acordo que é conveniente evitar a guerra com a grande nação.

Até á hora a que escrevemos guarda-se reserva sobre o que se passou no quartel general e quaes as deliberações que se tomaram; mas afirma-se





que a Alemanha vae aderir a todos os pontos da nota americana, abandonando a sua campanha de terror sobre os mares e convidando os Es-



tados Unidos a associarem-se aos outros países neutros para protestarem contra o estreitamento do bloqueio que a Alemanha está sendo feito.



**No Egito.** — 1. Acampamento de tropas inglesas expedicionarias no deserto occidental— 2. Seguindo o rasto do inimigo durante a noite— 3. Examinando ao longe um combate na sua fase mais aguda

(The Sphere)



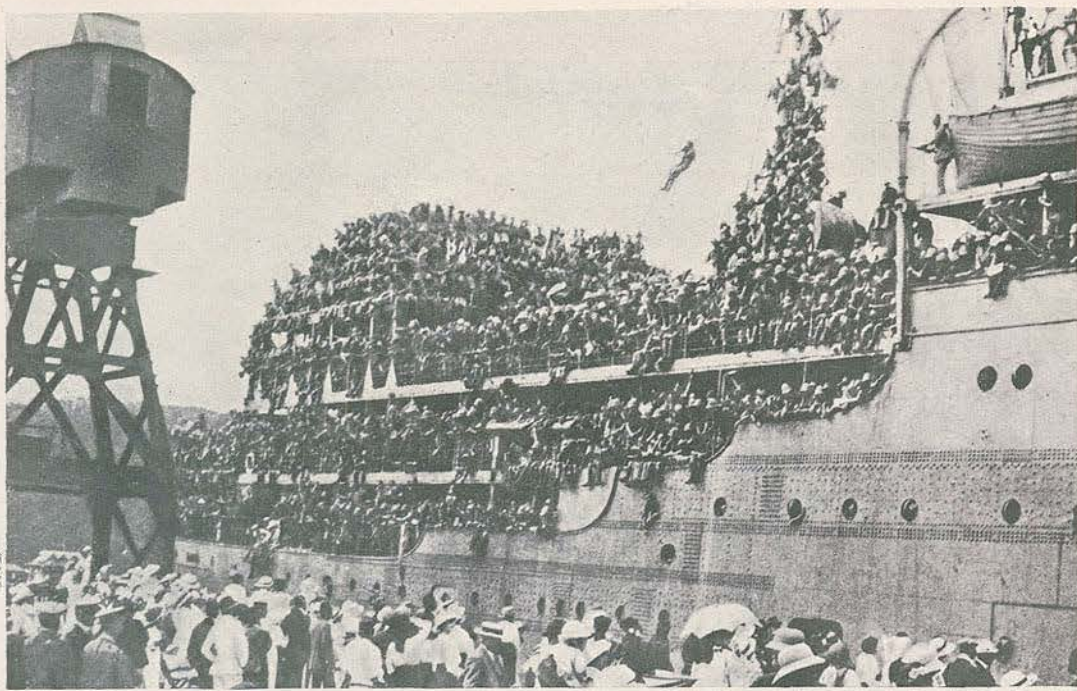
# CONTRA AS BATERIAS INIMIGAS



Alguns monitores Ingtezes rompem fogo contra baterias inimigas instaladas n'uma praia e obrigam-nas a retirar depois de lhes causar grande destroço

(The Sphere).





*Para a Africa Oriental.—Partida de tropas sul-africanas para combaterem os alemães*



*Outro aspeto da partida das tropas inglesas da Africa do Sul para atacarem a Africa Oriental Alemã*





*Na frente ocidental.*—Procurando os alemães nas ruínas de uma casa de campo junto à linha de fogo

(Sphere)





A' chegada do comboio



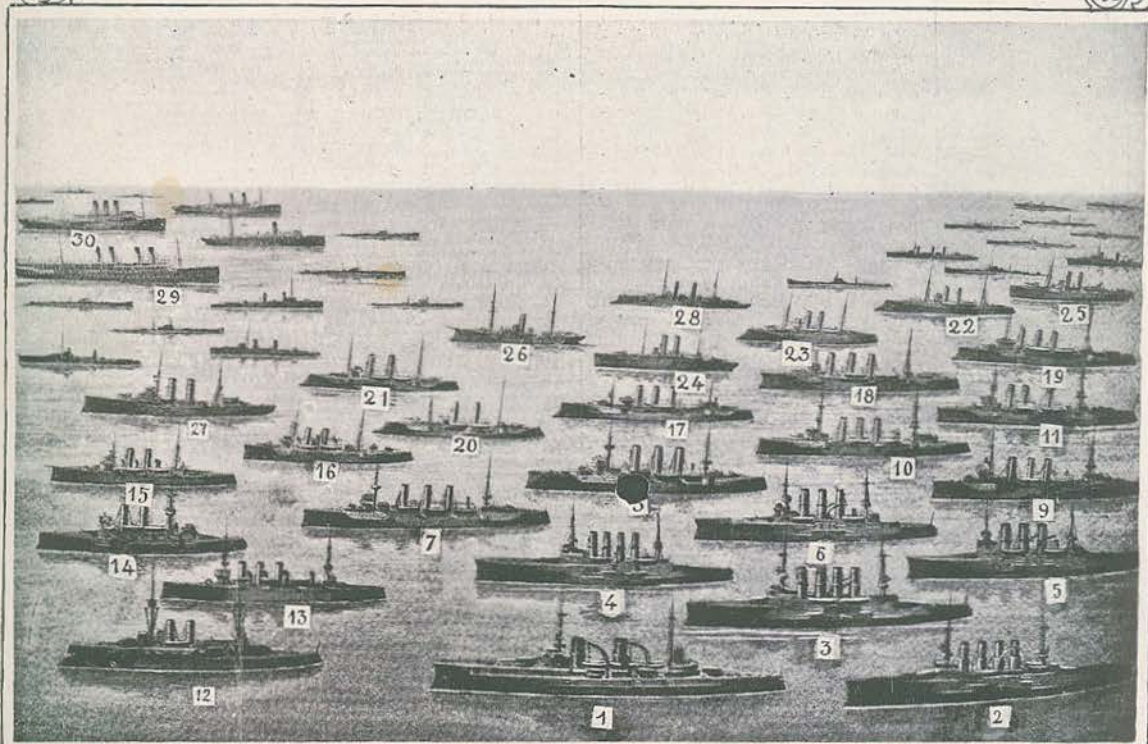
**Em Nich.**—Vê-se parado o comboio dos Balkans a Berlim. O kaiser examina com interesse as medalhas de um soldado bulgaro, e este não examina com menos interesse o kaiser, que ele supunha, pelas fotografias, a figura mais marcial da Europa, e que afinal, não é quasi nada comparada com a do seu rei Fernando. Bem observado este desenho, que reproduzimos do *New-York Herald*, resalta uma coisa curiosa: invertendo-se a cabeça do kaiser, aparece-nos um perfil que lembra o do presidente Wilson, formado de linhas e sombras da cara do imperador.



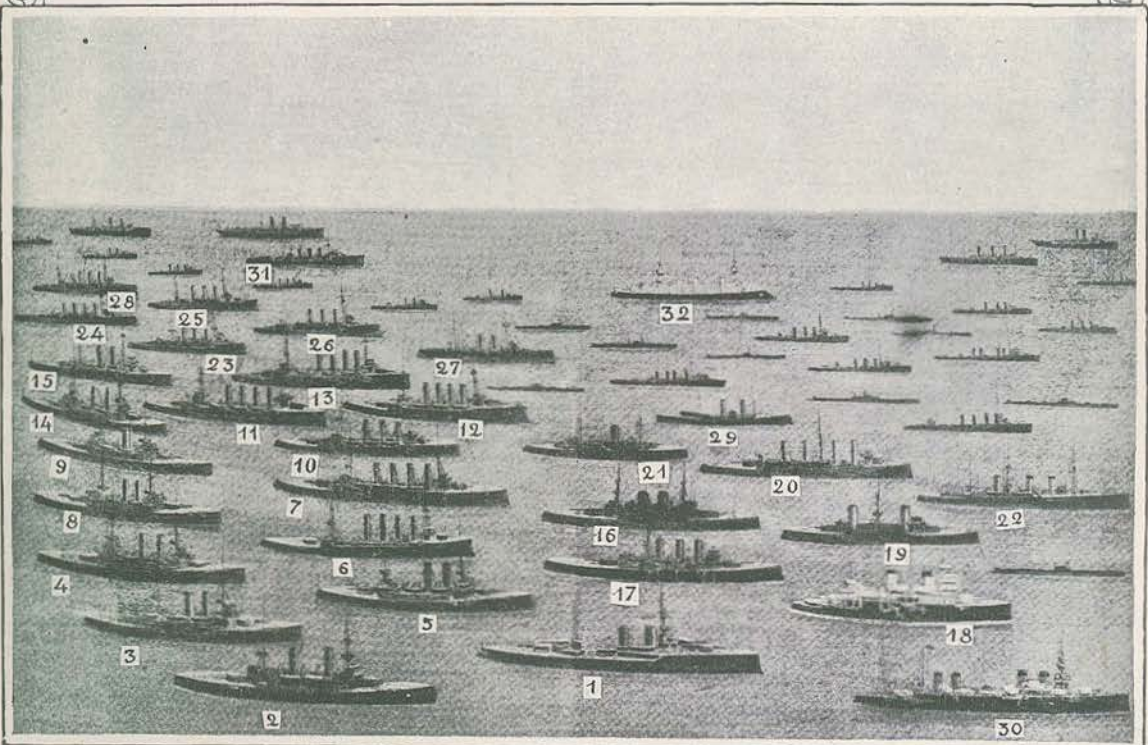
Nove estandartes tomados aos turcos pelós russos no assalto a Erzeroum



# Navios de guerra perdidos pelas nações beligerantes



Pertencentes aos Imperios Centrais e à Turquia:—1. Bluecher. 2. Scharnhorst. 3. Gneisenau. 4. Yorck. 5. Prinz Adalbert. 6. Friedrich Karl. 7. Mainz. 8. Köln. 9. Emden. 10. Dresden. 11. Nürnberg. 12. Barbarossa. 13. Mejdich. 14. Mes-sudjeh. 15. Kaiserin Elisabeth. 16. Zenta. 17. Bremen. 18. Königsberg. 19. Leipzig. 20. Ariadne. 21. Undine. 22. Ja-guar. 23. Illis. 24. Tiger. 25. Luchs. 26. Cormoran. 27. Albatros. 28. Hela. 29. Kaiser Wilhelm der Gross. 30. Cap Trafalgar.



Pertencentes à Quadrupla:—1. Au'acous. 2. Triumph. 3. Bulwark. 4. Irresistible. 5. Ocean. 6. Argyll. 7. Good Hope. 8. Formidable. 9. Majestic. 10. Monmouth. 11. Cressy. 12. Aboukir. 13. Hogue. 14. Gollath. 15. Hawk. 16. Benedetto Brin. 17. Amalfi. 18. Bouvet. 19. Garibaldi. 20. Pallada. 21. Takachino. 22. Jemtschug. 23. Hermes. 24. Amphion. 25. Niger. 26. Pathfinder. 27. Pegasus. 28. Speedy. 29. Casabianca. 30. Léon Gambetta. 31. Arethusa. 32. Amiral Charnier.



## FIGURAS E FACTOS



**Clemente Meneres.**—Faleceu em Vila Nova de Gaia o sr. Clemente Meneres, um dos mais considerados comerciantes da cidade do Porto, abastado proprietário e agricultor, especialmente em Traz-os-Montes, onde tinha vastíssimas propriedades, e industrial de largas iniciativas que muito contribuiu para a riqueza nacional. Tinha 72 anos e a maior parte d'esta longa vida passou-a o saudoso extinto n'uma labuta constante, pensando sempre na melhoria da situação dos seus operarios, que o estimavam como um pae carinhoso, como um protetor desvelado. A morte do sr. Clemente Meneres causou o maior sentimento não só na grande familia operaria que o servia, mas nas povoações onde tinha as suas propriedades e fabricas, as quaes sempre encontrou maneira de engrandecer e elevar na sua economia local. A' sua familia envia a *Illustração Portuguesa* sentidos pesames.



**Mario de Sá Carneiro.**—Deixou a vida bem cedo o pobre Mario de Sá Carneiro. A atmosfera de Paris, em vez de lhe retemperar a alma com as suas alegrias, os seus gosos, a sua espiritalidade, ainda mais impressionavel e doente lh'a tornou, amortalhando-a por fim nas proprias tristezas.

Poucos compreendiam o que valia o coração d'esse belo rapaz, e talvez menos ainda apreciavam o que havia de talento, de illustração, de ideal, sob essa curiosa forma literaria que caracterisava a sua prosa e os seus versos, de que a *Illustração Portuguesa* se honrou de dar «specimens» por varias vezes. E não é só como colaborador que lamentamos a perda de Mario Sá Carneiro: é tambem como amigos, d'ele e de seu pae, o illustre engenheiro Carlos de Sá Carneiro, que tão estremecidamente queria ao filho infeliz, que aqui consignamos o nosso mais profundo pezar.

## A ARTE NA ESCOLA



Nas sessões demonstrativas, que nos últimos dias se teem feito, da arte na escola em varios estabelecimentos de ensino, o Liceu Maria Pia, da illustrada reitoria do professor sr. Caetano Pinto, um dos homens mais sabedores em coisas de instrução, fez uma figura brilhantissima, tanto pelo que diz respeito á recitação em portuguez, como ao canto coral e ás canções populares e ainda aos ballados de composição erudita que pela primeira vez foram dançados em Portugal



e produziram uma impressão deliciosa. Ao talentoso professor da arte de bem dizer sr. Lobo de Campos, que tanto amor como intelligencia põe no seu ensino, ao insigne compositor sr. Tomaz Borba e á distinta professora sr.ª D. Alice Petipierre, ensaiadores do orfeon, bem como ao inspirado poeta sr. Afonso Lopes Vieira, autor das composições eruditas, foram feitas grandes manifestações de aplauso. sr. Caetano Pinto tambem foi muito felicitado.

1. Alunas que tomaram parte no canto e danças do ballado *Amendostras em flôr*, de Tomaz Borba —  
2. Grupo de alunas que recitaram varias poesias.  
(Clíchés Benoitte).



## Regresso de expedicionarios



*Na Regua.*—Partida d'um comboio com expedicionarios

Tiveram um acolhimento festivo os expedicionarios que regressaram de Africa em todos os pontos por que passaram em direção aos seus quartéis. Na Regua o entusiasmo foi enorme, recebendo soldados e officiaes as mais carinhosas saudações do povo agradecido pelos seus rudes e penosos trabalhos nas regiões de Afri-

ca para manterem a integridade do nosso territorio e levantarem bem alto o nome portuguez. Soldados e povo confraternisaram de maneira a deixarem entre si saudades que não esquecem facilmente, porque tem a fortalece-las um grande amor patrio e um vivo espirito de solidariedade em tão grave conjuntura.



Chegada dos expedicionarios. O desembarque no meio de calorosas aclamações do povo que os esperava na *gare*.



Outro aspecto das manifestações feitas aos expedicionarios na estação.—(Clichés do distinto fotografo amador sr. Antonio Teixeira).



# BATIDA AOS LOBOS



Decorreu animadíssima a batida aos lobos no Gavião. Era imponente a multidão de caçadores e de batedores, formando-se um cerco apertado aos lugares onde tinha sido assinalada a presença das feras. Na freguezia de Belver mataram um lobo que pesava 45 quilos e tinha 5 anos d'idade. Foi a única vítima da caçada, mas nem por isso esta deixou de ficar memorável pelas costumadas peripecias e pelo entusiasmo de quantos tomaram parte n'ela.



1. Os caçadores fechando o cordão.—2. Os batedores.

(Clichés do distinto fotografo amator sr. João Pedro d'Ascenção).



# Instrução Militar Preparatoria



A S. I. M. P. n.º 1 na Instrução dos agentes de ligação



A Instrução da escola de pelotão com arma, da S. I. M. P. n.º 1.

A Instrução Militar Preparatoria constitue uma das medidas mais patrióticas do governo provisório da Republica, que estabeleceu a base fundamental da nação armada.

No ano de 1914, 915 foram recenseados para receberem a I. M. P., que começa a ser ministrada aos 7 anos, na Escola Primaria, e continua até á idade em que os mancebos se apresentem ao serviço militar.

E' já consideravel o numero de sociedades, que se constituíram para auxiliar o Estado na nobre missão de educar a mocidade para o serviço militar.

Foi ha poucos dias apresentado ao parlamento um projeto de lei, pelo illustre deputado tenente-coronel Pereira Bastos, que cria uma serie de vantagens a dispensar aos recrutas, que

no ato de alistamento no exercito, revelem possuir as habilitações suficientes, para darem uma garantia de se lhes poder reduzir o tempo do serviço militar. As sociedades de I. M. P. tem n'este momento historico uma grande missão patriótica a cumprir, preparando o espirito militar da mocidade para combater o inimigo que declarou guerra a Portugal. Os nucleos da I. M. P. multiplicam-se dia a dia pelas provincias.

E é justo que o Parlamento não deixe de votar uma tão importante medida de tão consideravel alcance patriótico, como a que foi apresentada pelo ex-ministro da guerra, que tão disvelada atenção tem dedicado a este assunto.



3. Outro aspecto da Instrução de pelotão com arma.—4. A S. I. M. P. n.º 4 em coluna de companhia de costado, com agentes de ligação.



Uma ligeira notícia, apenas, sem pretensões a crítica. Porque eu entendo que, para se falar convenientemente de uma exposição em que a Arte nos aparece em manifestações multiplas — pintura, escultura, pastel, aguarela, esmaltes — é preciso conhecimento de causa, mesmo uma certa base científica, e não fica mal a um pobre rabiscador



Fumador, quadro do sr. João Augusto Ribetro



Octogenário, quadro do sr. Sousa Caldas

ponto de vista estético, e como uma modalidade do pensamento social, liga-se intimamente com os diversos ramos do saber humano, na opinião autorizada de Roberty, e tem raízes profundas, portanto, na ciência propriamente dita, na religião e na filosofia. Para alguém ser artista, a valer, é indispensável possuir um razoável



Um aspeto da exposição

de jornaes confessar, alguma vez ao menos, a sua ignorancia. De ordinario o jornalista tem de saber de tudo, e a orda os mais estranhos e diversos assuntos com um decaramento e uma inconsciencia que só pôde justificar a necessidade de viver, de se mostrar a gente, atravez da existencia, uma especie de topa-a-tudo, a quem tanto se pôde ajustar a grilheta da imprensa como a mascara do histrião. Ora a Arte, sob o



Na Bomaria (Senhor da Pedra), quadro do sr. P. Gonçalves

peculio de conhecimentos que o ponham em contacto direto com a evolução do espirito humano, e, para criticar um artista assim, torna-se quasi preciso ser um sabio.

Mas contente-se a gente em fazer critica de ouvido, e por instinto, como de ouvido e por instinto faz arte a maioria dos nossos artistas.

Aqui, no Porto, que deixou de ser, ha muito, a aldeia em ponto grande de que falava Camilo,





*Crepusculo (arredores de Penafiel)*, quadro do sr. Oliveira Passos



*Manhã no rio Agueda*, quadro do sr. Candido da Cunha

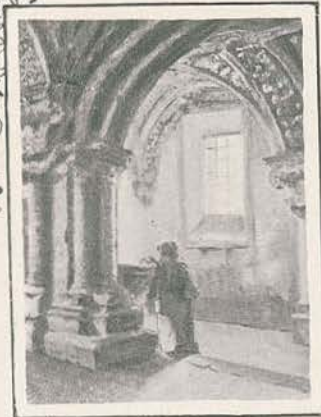
uma iniciativa plausível acaba de ser posta em prática, e com lisongeiros resultados, por um grupo de escritores e artistas, alguns de grande renome em nosso meio, e a quem orienta a mesma ancia de Beleza, o mesmo culto do Ideal o instinto patriótico de educar o sentimento nacional. E, assim, resolveram organizar exposições de Arte, que não fossem apenas a expressão individualista d'um determinado cenaculo onde predomina quasi sempre o elogio mutuo, mas em que se pudessem apresentar todos os que, com mais ou menos talento, procuram fazer trabalho honesto mesmo fóra do exclusivismo dos gremios ou escolas.

Essa idéa, eles o dizem sinceramente, nasceu e intensificou-se na necessidade de estímulo de que todo o artista carece, por muito alto que seja o grau hierarquico atingido, e, por outro lado, na evidente conveniencia de balancear, por assim dizer, o estado atual da arte entre nós. Bem merecem que fiquem arquivados os seus nomes, n'uma terra em que a intriga, a maledicencia e a inveja atrofiam e amesquinham os mais belos e desinteressados empreendimentos. São eles: Antonio Pereira

d'Azevedo, Candido da Cunha, João Augusto Ribeiro, Julio Pina, Manuel de Moura, Oliveira Passos, Paulino Gonçalves e Teixeira da Silva.

O seu tentamen pôde afirmar-se, teve um exito retumbante, pois á primeira exposição, aberta no Ateneu Commercial, concorreram artistas consagrados como José Malhõa, Marques d'Oliveira, Carlos Reis, Augusto Gama, Fernandes de Sá, Julio Vaz Junior, Maria da Gloria Ribeiro da Cruz e tantos outros, não falando nos promotores.

Malhõa enviou tres retratos magníficos, a pastel, que são, como



*Egreja de S. Francisco do porto (interior)*, quadro da sr.ª D. Olívia Barros



*O tear (Viana do Castelo)*, quadro do sr. Marques de Oliveira

toios os seus trabalhos, verdadeiras obras primas de expressão e naturalidade.

Marques d'Oliveira, o professor ilustre, o mestre respeitado, é de todos o que apresenta maior numero de quadros, antigos e modernos, mas fazendo todos sobressair a sua destacante individualidade artística. São impressões de viagem, impressões de paisagem, impressões de costumes, quasi tudo impressões, revelando uma alma de pantheista e de pagão, de côres sobrias mas nítidas, d'uma perfeição que

vae até á minucia extrema, sentindo-se perpassar por essas telas a rajada do genio, e aus-



*Impressão*, quadro do sr. Julio Ramos

vae até á minucia extrema, sentindo-se perpassar por essas telas a rajada do genio, e aus-



cultando-se, nos motivos portuguezes, o *saudosismo* da raça.

A seu lado enfileira, como artista maximo Ribeiro, o cultor enamorado da Fôrma, que apresenta, além d'outros, dois trabalhos verdadeiramente magistraes: *Fumador* e *Ketrato de mademoiselle X*.

Mademoiselle X é nem mais nem menos que sua filha, Maria da Gloria Ribeiro da Cruz, aluna laureada da Escola de Belas Artes de Paris, que enviou á exposição uma escultura também notavel, *L'Echo*, estudo consciencioso, d'uma rara perfeição de linhas. Bastariam as duas telas de João Augusto Ribeiro para tornar aquele certamen artistico uma coisa digna de vêr-se e de admirar-se, se fosse possível fazer seleção entre tantas maravilhas que ali nos surpreendem.

Mas surge-nos tambem o poeta da Melancolia e da Saudade, o pintor dos poentes tristes e das manhães suaves, o burilador da nevoa e do fumo, da chuva e do vento, Candido da Cunha, d'uma compleição tão religiosa nas suas tintas macias e quasi aveludadas, e cujas telas evocam, n'uma tonalidade branda e por vezes indecisa, figuras doloridas que passassem a vida em abstracção constante, n'uma reza merencoria de martirio e desgraça. E é este minhoto que comete o peccado sem perdão de trocar a natureza alegre, variegada e policroma da sua terra pela tristonha paisagem de Ageda, por vezes tão psicostenica e soturna, que não merecia a inspiração d'um artista.



Os Humildes, quadro do sr. Abel Cardoso



Flores, pintura a tempera, quadro do sr. Teixeira da Silva



L'ECHO!

L'Echo, escultura da sr.ª D. Maria da Gloria Ribeiro da Cruz



Amanhecer (Geres), quadro do sr. Joaquim Lopes



Logar de Portozelo (Viana do Castelo), quadro do sr. Julio Pina

Mas não é possível uma referencia particular a cada expositor, tantos são eles nas diversas modalidades da arte em exposição, e tantos são tambem os trabalhos bons entre

muitas trivialidades que seria exagero não reconhecer.

Abel Cardoso, Alice Grilo, Antonio José da Costa, Antonio Saude, Augusto Gama, Carlos Reis, Eduardo Moura, Ernesto Condeixa, Falcão Trigo, H. E. Huguenin, Joaquim Lopes, José d'Almeida e Silva, Julio Pina, Julio Ramos, Moura Girão, Lucilia Aranha Grave, Margarida Costa, Ovívia Barros, Paulino Gonçalves, Raul Maria Pereira, Soares Lopes, Teixeira da Silva, Tomaz de Moura, Ada da Cunha, Fernandes de Sá, Julio Vaz Junior, Oliveira Ferreira, Sousa Caldas, Sofia Martins de Sousa, João Batista de Li-

ma, eis ahi um rosario de nomes, aproveitados indistintamente do catalogo, bem dignos todos de honrar uma exposição, alguns novos, outros já consagrados, mas todos de reconhecido merito, podendo o estudo e a perseverança fazer de muitos verdadeiras notabilidades.

Aprecio a Arte pela impressão de agrado que em mim produz, pelo prazer que me desperta na alma, e quando ela é o que disse alguém — um transunto da natureza feito pela imaginação.

E foi por isso que n'estas paginas quiz deixar consignada, apenas, a impressão gratissima que recebi n'uma rapida visita que fiz á exposição do Ateneu Commercial.

Que ela sirva de incitamento a novas e mais arrojadas iniciativas.

Porto, 6 de abril de 1916.

S. M.

(Clichés do sr. Alvaro Martins)